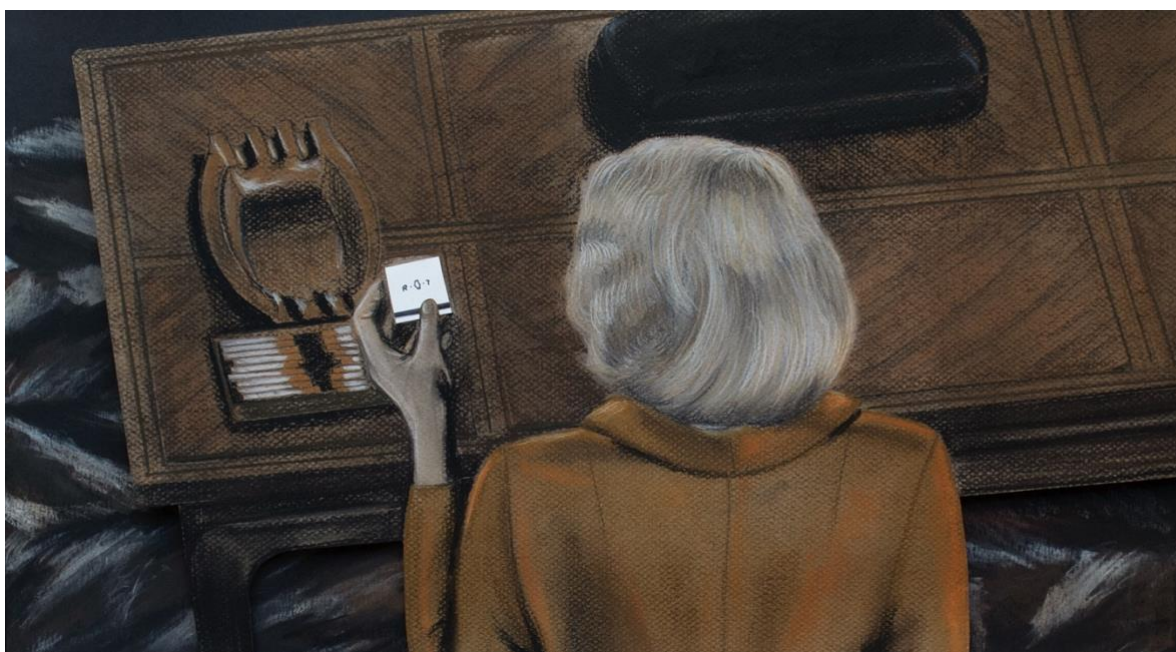


ARTÍCULOS



Martín Sichetti. *Rot II*. 2018.

O LIVRO DOS PRAZERES:
O EXISTENCIALISMO DE CLARICE
LISPECTOR E A EXPERIMENTAÇÃO
CINEMATOGRAFIA DE MARCELA LORDY
O LIVRO DOS
PRAZERES: THE EXISTENTIALISM OF CLARICE LISPECTOR
AND DE CINEMATIC EXPERIMENTACION OF MARCELA
LORDY

Cleonice Elias da Silva

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Divinópolis, Minas Gerais, Brasil

*Professora no Departamento de Humanidades da Universidade do Estado
de Minas Gerais, unidade Divinópolis, pesquisadora de pós-doutorado do Núcleo de estudos das diversidades,
intolerâncias e conflitos da USP (DIVERSITAS-USP)*

Contacto: cleoelias28@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3830-9225>

DOI 10.5281/zenodo.17632183

RESUMEN

PALABRAS CLAVE

Cineastas mulheres
Literatura
Representação das
mulheres

Este artigo apresenta uma análise do filme *O Livro dos Prazeres* (Marcela Lordy, 2020), uma adaptação do livro de Clarice Lispector, *Uma Aprendizagem ou o Livro do Prazeres* (1969), buscando evidenciar aspectos da produção literária da escritora e os que dizem respeito aos processos de criação da cineasta. Demonstrando como o filme apresenta uma representação da mulher que confronta o modelo patriarcal difundido durante anos pelo cinema *star system*. O filme em questão representa uma das vertentes das produções cinematográficas das mulheres diretoras brasileiras. Com o intuito de aprofundar as questões propostas, trago uma entrevista realizada com a cineasta Marcela Lordy por e-mail no mês de maio de 2021, na qual ela compartilha o seu processo de criação para a realização do filme em questão.

ABSTRACT

KEYWORDS

Women Filmmakers
Literature
Representation of
women

This article presents an analysis of the film *O Livro dos Prazeres* (Marcela Lordy, 2020), an adaptation of Clarice Lispector's book *An Uma Aprendizagem ou o Livro do Prazeres* (1969), aiming to highlight aspects of the writer's literary production as well as those related to the filmmaker's creative processes. It demonstrates how the film portrays a representation of womanhood that challenges the patriarchal model promoted for years by the cinema star system. The film in question represents one of the strands of cinematic production by Brazilian women directors. To deepen the proposed issues, I include an interview conducted via email with filmmaker Marcela Lordy in May 2021, in which she shares her creative process for making the film in question.

Apresentação

O filme *O Livro dos Prazeres*¹, da cineasta Marcela Lordy², foi exibido na 44^a Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, no ano de 2020, evento realizado integralmente online devido à pandemia da Covid-19. Ele é uma adaptação da obra da escritora Clarice Lispector, *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, cuja primeira edição foi publicada em 1969. Clarice Lispector escreveu esse livro em pouco mais de uma semana. *Uma Aprendizagem ou Livro dos Prazeres* não é considerada uma das obras mais famosas da escritora, todavia, vem sendo estudada e apresenta elementos essenciais que caracterizam a literatura clariceana. Posteriormente, em entrevistas, a escritora afirmava que o livro havia a humanizado.

A estreia do filme de Marcela Lordy em festivais ocorreu no ano do centenário de Clarice Lispector. A cineasta conheceu esse livro de Lispector com cerca de trinta anos, a mesma idade da personagem Lóri, época que havia terminado um casamento de dez anos. Como afirma a jornalista Joana Oliveira, teria sido essa situação uma catalisadora que despertou o interesse de Marcela Lordy em contar a história Lóri, que tem como elemento predominante sua busca pelo autoconhecimento. Outro motivo que a interessou adaptar o livro para o cinema foi o fato de ter ouvido, a partir do cineasta Walter Salles, que a atriz Fernanda Montenegro gostaria de ter interpretado Lóri. É a atriz Simone Spoladore que a interpreta. Para Lordy, Simone Spoladore³ tem características que lembram Clarice Lispector, os olhos profundos, “olhos de onça” (Oliveira, 2020). Sobre a escolha do elenco, a cineasta comenta que:

Simone sempre gostou muito de Clarice. E ela tem uma atmosfera muito silenciosa, introspectiva. Então, teve uma identificação natural. Já Javier, que interpreta

¹ A estreia do filme nas salas ocorreu no ano de 2022.

² Marcela Lordy estudou cinema na FAAP, em São Paulo. Atua como roteirista, produtora e diretora. Como assistente de direção, trabalhou com alguns cineastas tais como: Walter Salles, Hector Babenco e Carlos Nader. Ela dirigiu séries para televisão, curtas-metragens e o documentário *Ouvir o Rio: Uma Escultura Sonora de Cildo Meirelles* (2012). Seu curta-metragem *Ser o que se É*, em 2018, alcançou o número de 5 milhões de visualização na internet.

³ A atriz participou de outros filmes de Marcela Lordy: *A Musa Impassível* (2011) e *Sonhos de Lulu* (2009).

Ulisses, tem uma relação com o estrangeiro, com esse outro de fora, que pode gerar uma certa estranheza (Passos, 2020).

Entre uma das definições dadas pela cineasta para o seu filme, está de que ele seria um romance psicológico erótico, cuja perspectiva é a de uma mulher contemporânea que busca conexões afetivas reais (Passos, 2020). Marcela Lordy relata como surgiu o interesse de adaptar o texto de Clarice Lispector para o cinema.

A vontade de adaptar o livro de Clarice para o cinema surgiu da minha necessidade de olhar mais de perto para a velocidade com que as relações afetivas se formam e se desfazem nos dias de hoje. Estava morando sozinha pela primeira vez, quando me deparei com Lóri e seus desafios existenciais da maturidade. Ao ler o livro, senti que havia algo sagrado ali sobre o amor e a autorrealização feminina na sociedade patriarcal brasileira que ainda precisa ser resgatado (Passos, 2020).

Marcela Lordy trabalhou no projeto do filme por dez anos, o que nos leva a pensar que ele foi se transformando com o passar dos anos em que ele foi sendo gestado. Para escrita do roteiro, Marcela Lordy trabalhou em parceria com Josefina Trotta. A adaptação da narrativa de Clarice Lispector, entre outros aspectos, é marcada por situar a personagem Lóri na sociedade contemporânea, tendo em vista que na versão original o contexto são os anos 1960.

Neste texto discorro sobre alguns aspectos presentes no filme de Marcela Lordy e os que caracterizam a narrativa que Clarice Lispector constrói no livro em questão. A ideia não é traçar comparações entre a obra literária e a fílmica, uma vez que, no meu ponto de vista, o filme de Lordy explora outras dimensões para além da apresentada no texto literário, sendo esse aspecto decorrente do fato de o cinema proporcionar uma imersão peculiar em uma narrativa.

As reflexões aqui presentes também têm como referência uma entrevista realizada com a cineasta no mês de maio de 2021 por e-mail. Considero importante conhecer um pouco mais sobre o filme a partir dos relatos da própria cineasta, pois a minha interpretação poderia se distanciar dos seus reais objetivos com a realização do filme.

Não que as interpretações diferentes sejam um problema, uma vez que elas são influenciadas pelas leituras pessoais que cada pessoa faz de uma obra e situação, mesmo assim achei importante trazer neste artigo a “fala” da cineasta sobre seu filme.

Adianto-me a afirmar que o filme de Marcela Lordy traz uma representação feminina que vai de encontro aos estereótipos que por décadas se consolidaram no que diz respeito aos papéis e lugares das mulheres nas narrativas cinematográficas.

A aprendizagem de Lóri na narrativa de Clarice Lispector

A personagem central no livro *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, de Clarice Lispector é uma mulher, assim como em outras de suas obras literárias. Neste caso, Loreley, Lóri, nos é apresentada por meio de um narrador, no caso, uma narradora onisciente que a conhece profundamente e que percorre com ela todo um processo de transformação. A personagem é de uma família tradicional da região de Campos, mas muda-se para o Rio de Janeiro para morar sozinha, desfruta dos privilégios do seu pertencimento a uma classe social abastada, mesmo após a perda de parte da fortuna pela família.

É a partir do contato com o professor de filosofia Ulisses, que Lóri inicia seu percurso de aprender a ser. Ulisses não quer ser mais uma das relações passageiras de Lóri, seu desejo é que ela esteja com ele inteira. O envolvimento sexual pleno entre ela e ele seria possível a partir do momento que Lóri aprendesse o que é ser. Após o contato com Ulisses, a personagem começa a fazer alguns questionamentos sobre a dor que acompanha: “Que dor era”; “A de existir”; “A de pertencer a alguma coisa desconhecida”; “A de ter nascido” (Lin, 2015: 29-30).

No seu processo de aprendizado, Lóri acaba por perceber que ela deveria vivenciar essa experiência sozinha. Ela deveria experimentar a vida consigo e arriscar-se diante dela (Lin, 2015: 31). Não caberia a figura de Ulisses curar suas dores e suas angústias, ela teria que aprender a conhecer-se para lidar com seus sentimentos.

Em todo esse transcorrer por dentro de si, a personagem faz uma viagem introspectiva (Lin, 2015: 38), sendo Ulisses uma espécie de mediador. Por meio dessa viagem, que ela percebe o mundo ao seu redor, vivencia as sensações em suas diferentes peculiaridades.

A aprendizagem chegaria ao fim quando ela tomasse consciência de si, dessa forma estaria preparada para viver o amor (Lin, 2015: 44). Clarice Lispector, a narradora onisciente, nos revela gradativamente o percurso de Lóri na sua imersão dentro de si buscando “o aprender a ser”. É através dessa narrativa que nos deparamos com o universo de sensações experimentado pela personagem.

Ma Lin, dialogando com outros estudos, analisa como essa obra de Clarice Lispector pode ser considerada um romance de formação feminino, entre as estudiosas citadas estão Cristina Ferreira Pinto (1990) e Terezinha Goreti Rodrigues dos Santos (2006).

A autora feminista francesa Hélène Cixous, que tem estudos sobre a obra de Clarice Lispector, defende que as mulheres devem escrever sobre si mesmas e incentivar outras mulheres a exercerem a escrita.

Hélène Cixous, a partir do início da década de 1980, apresentou diversos seminários sobre a obra de Clarice Lispector. Os textos publicados por Cixous contribuíram para difusão da produção da escritora na França e em outros países. Sendo essa produção primordial para ela desenvolver sua teoria de escrita feminina. No circuito da crítica literária francesa, Cixous apresentou seu conceito de uma *écriture féminine*, definida com a “escrita do corpo” pela mulher. Essa proposta de escritura feminina, baseou-se, em parte, nas teorias linguísticas de Derrida. A escritura feminina pode ser considerada revolucionária uma vez que “rompeu com as estruturas opressivas e convencionais da linguagem do pensamento masculinos” (Lin, 2015: 58).

O processo de autoconhecimento de Lóri tem entre suas consequências sua individualização, o individualizar-se torna-se necessário para o seu aprendizado sobre si

própria. Conforme mencionado, as sensações estão presentes, não apenas nessa obra, mas em outras de Clarice Lispector. É por meio de uma linguagem sinestésica que os sentimentos conflitantes da personagem feminina nos são apresentados. Os seus questionamentos a levam às angústias. É o vazio sentido por ela “que desencadeará o processo de autoconhecimento e individualização, uma aprendizagem de ser completa” (Lin, 2015: 61).

Lóri busca pela sua identidade, e, nessa busca, conforme afirma Ma Lin, a personagem vivencia a organização do discurso diante do outro:

Na verdade, para Lóri, Ulisses é mais interlocutor que orientador. O que Ulisses faz não é ensinar a Lóri o que deveria fazer, mas ouvir, comunicar e encorajá-la para sentir, pensar e se expressar. A recuperação da identidade feminina em Lóri também se dá pela organização do discurso diante do outro. A luta da protagonista significa lutar com o próprio corpo e sua desorganização. O processo de aprendizagem é marcado pelo esforço de Lóri para se apropriar da palavra, do discurso. [...] (Lin, 2015: 69)

Nesse livro de Clarice Lispector, é possível notar a sua leitura sobre as diferenças entre masculino e feminino. A escritora, mesmo não assumindo uma atitude feminista, traz críticas ao sistema cultural patriarcal, determinante nas experiências e papéis de gênero. Lóri sofre uma pressão da sociedade patriarcal, “mas sua angústia e ansiedade não só vêm dessa pressão exterior, mas do fundo do peito, do existir, do ser humano”. Em sua busca, Lóri almeja encontrar sua identidade essencial como ser humano, pois percebe que, “sendo mulher, ela também pode raciocinar, sentir e tomar atitudes próprias do ser humano” (Lin, 2015: 71)

É possível afirmar que um dos primeiros movimentos da personagem para fugir da nocividade da sociedade patriarcal foi sair da casa de sua família, após a morte de sua mãe, restou-lhe a convivência com o pai e os quatro irmãos.

Com a sua aprendizagem, a personagem depara-se com dois desafios: o de aceitar a solidão ou o de desfrutar a liberdade. É, também, com essa aprendizagem que ela vive

momentos de epifania, ao entrar no mar e ao morder uma maçã. Na literatura de Clarice Lispector, o mar cumpre uma simbologia importante. Em sua infância, acreditava no poder de cura das águas salgadas do mar (Lin 2015: 72).

A aprendizagem de Lóri tem como característica a coexistência de sentimentos e sensações antagônicas.

[...] As marcas de vitória de sua aprendizagem são os momentos epifânicos, o estado de graça, ser mulher, Lóri estaria muito mais sujeita a entrar em contato íntimo com a essência das coisas, instantes de deslumbramento e descobertas maravilhosas e, ao mesmo tempo, se submete a mudanças de humor, com sentimentos ora de alegria, ora de angústia, ora de ansiedade; então, sua evolução é de caráter pendular, com idas e vindas (Lin, 2015: 74).

A nossa existência dá-se pelo confronto e convivência de diferentes sentimentos e sensações, dos mais prazerosos aos mais dolorosos. A personagem de Clarice Lispector experimenta, em sua aprendizagem, as diferentes dimensões de sua existência.

Ela acaba por experimentar uma solidão de caráter criador, ao estar em contato com seus próprios sentimentos e sensações, ou seja, quando tem contato com a água da chuva e a gelada do mar durante a madrugada; quando nota as cores do céu ao entardecer; quando sente o perfume do jasmim. Suas experiências cotidianas assumem outros significados para ela. A água, na obra clariceana, está relacionada às experiências de epifania de suas personagens femininas (Lin, 2015: 74-75).

Fundir-se no mar é quase um rito para Lóri, motivado pela vontade de experimentar o mundo, pelo desejo de pertencer ao cosmos. Ela estava sozinha enfrentando a vastidão ilimitada e misteriosa, parada no mar, arrepiando-se toda ao contato com o sol que a secava. A imersão no universo marítimo levou-a ao momento epifânico das revelações. [...] (Lin, 2015: 76)

A leitura de *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres* faz-nos embarcar nessa viagem introspectiva vivenciada por Lóri, talvez não com a mesma intensidade e nem sendo o processo solitário e angustiante. Independentemente da existência ou não de uma pessoa que nos leve a querer enfrentar nossas fraquezas e fantasmas para o nosso

autoconhecimento, voltar-nos para nós mesmas torna-se imprescindível para que entendamos a nossa essência com todas as suas nuances.

O filme dos silêncios

No filme, o ator argentino Javier Drolas, dá vida ao pedante e, até certo ponto, arrogante Ulisses. Lóri, conforme o mencionado, é interpretada pela atriz Simone Spoladore, ela é uma dedicada professora da educação primária, que tem dificuldades para se relacionar com as pessoas. Diante disso, coleciona casos sexuais esporádicos, sem envolvimento afetivos. A sexualidade da personagem é explorada no filme de uma forma que não aparece no texto de Clarice Lispector. Lóri, apesar de todos seus problemas existenciais, é bem resolvida com sua sexualidade livre.

Na narrativa de Clarice Lispector, Lóri vive em um pequeno apartamento. Já no filme de Marcela Lordy o apartamento é imenso com uma ampla janela com vista para o mar, e encontra-se vazio, sem as mobílias. Paula Passos afirma que esse espaço remete ao vazio da personagem, ele favorece o movimento da câmera que a acompanha nas madrugadas não dormidas (Passos, 2020). O colchão no chão e os deslocamentos que a personagem faz pelo apartamento vazio foram interpretados pela professora e psicanalista Maria Homem da seguinte forma⁴:

Existe o atravessamento de um túnel com essa angústia. Há transbordamento de si, de quem não se aguenta. O colchão é um microterritório, uma representação de si, que se desloca para achar uma paisagem para reconstruir seu próprio lugar. É uma metonímia dessa subjetividade em busca. É um processo analítico, em última instância (Passos, 2020).

Construir imagens para a narrativa clariceana é um desafio, tendo em vista a sinestesia que marca a obra aqui em questão, daí o fato de o filme de Marcela Lordy nos

⁴ Essas reflexões foram apresentadas por Maria Homem no Colóquio Internacional 100 anos de Clarice Lispector, realizado pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, no mês de outubro de 2020.

proporcionar momentos de contemplação, em que temos que nos desapegar do ritmo acelerados de muitas narrativas fílmicas e aceitarmos os diferentes momentos de silêncios que ele nos proporciona.

Os silêncios no filme dizem respeito às características da narrativa de Clarice Lispector. É importante considerar que a “escrita aponta a palavra e a palavra aponta o silêncio”, as produções artísticas, entre elas a Literatura, têm em suas estruturas a presença e ausência. Há momentos em que a linguagem é “insuficiente para dizer sobre o homem, tão complexo e divagante, mas é somente nele que o mundo do homem se desvela, porque nela o experimentamos” (Barbosa, 2014: 30).

A palavra, em algumas circunstâncias, pode ser impotente, assim, percebe-se a importância do silêncio, a importância daquilo que é indizível. Todavia, esse indizível acaba sendo apontado pela palavra, dessa maneira, a linguagem literária “é o lugar do falar e do silenciar, é um canto que encanta” (Barbosa, 2014: 21). Nesse sentido, o filme de Marcela Lordy nos diz muito por meio dos silêncios.

O silêncio faz-se presente na obra de Clarice Lispector devido ao seu caráter existencialista, à imersão que as personagens fazem em si mesmas.

[...] O drama da narrativa clariceana, desta forma, não resiste ao silêncio que a além-palavra suscita na representação dos sentimentos e reflexões profundas das personagens, ela (a narrativa) é assombrada pelo silêncio porque é assombrada pela presença mística de discussão do existencial. O ser passa a ser o ser humano e o mundo, o mundo humano, dotado de uma luz de consciência dialética e multiperspectivada (Barbosa, 2014: 33).

Temáticas como autoconhecimento e expressão, existência e liberdade, contemplação e ação, linguagem e realidade, o eu e o mundo, conhecimentos das coisas e relações intersubjetivas, humanidade e animalidade compõem a Literatura de Clarice Lispector (Barbosa, 2014: 33). É esse o universo transcrito pela cineasta em seu filme, este nos possibilita um contato com as especificidades da narrativa clariceana.

A escritora explora a dimensão psicológica de suas personagens de uma maneira notavelmente sensível, trazendo à tona sentimentos diversos.

Em geral, os textos literários de Clarice se iniciam com a sábia exploração de um incidente que se desdobra para criar um clima de mistério, de busca, de solidão, de angústia, de medo, de força inútil e de desânimo. A autora sabe com maestria retratar um equilíbrio que penetra o psicológico e o sensível das personagens a fim de fazê-las se revelarem diante de algo que mesmo sem formato se fixam por um acontecimento muitas vezes insólito, o que se dá justamente pela epifania (Barbosa, 2014: 34-35).

Clarice Lispector tem o dom do jogo de palavras, ao analisar as paixões e outros sentimentos sem juízos de valor. Ela penetra “nos mínimos detalhes dos mistérios da alma e do coração”. Para tanto, o monólogo interior está presente, é a partir dele que ocorre a reconstituição da consciência da personagem na narrativa. Essa característica “a faz ser uma forte problematizadora (questionadora) da linguagem, ao tratar da intrínseca relação entre o mundo da palavra e a analítica-existencial humana” (Barbosa, 2014: 35).

A fotografia do filme⁵ colabora com a experiência da contemplação. Seguimos com Lóri em sua relação consigo mesma, o seu percurso agora chega a nós pelas imagens, pela interpretação contida de Simone Spoladore que revela muito sobre as dores e os prazeres do autoconhecimento. Quando assisti ao filme em 2020, ainda não havia lido o livro de Clarice Lispector, por isso não tinha imagens pré-concebidas sobre a narrativa. Ao ler o livro, no ano de 2021, ficou difícil dissociar a figura de Lóri da trazida na narrativa cinematográfica de Marcela Lordy.

À primeira vista, a relação de Lóri com Ulisses, e a influência que ele exerce sobre ela, pode gerar incômodos em nós mulheres de uma geração diferente das dos anos 1960, após todas as lutas dos movimentos feministas para subverter as amarras do patriarcalismo. Contudo, um olhar mais cuidadoso e atento nos leva a perceber que é Lóri a protagonista de seu processo de aprendizagem, não sendo o professor de Filosofia essencial para ela alcançá-la. A figura dele acaba por denotar a capacidade de Lóri de

⁵ Mauro Pinheiro foi o responsável pela direção de fotografia do filme.

aprender a entender-se a ponto de querer construir uma relação para além do efêmero envolvimento sexual.

A figura da mãe no filme aparece como sendo a da própria Clarice Lispector, Lóri ao imergir em si, necessita ir em busca de sua figura materna, com isso resgata os cadernos escritos por sua mãe. Ao buscar por entender-se, tenta também compreender a figura de sua progenitora.

Sobre o quartinho da mãe que está presente na narrativa fílmica, Maria Homem apresenta a seguinte leitura:

A gente pode pensar que tanto ela quanto a mãe possuem vozes abafadas. É naquele quarto que ela estabelece uma aliança com a mãe, mesmo morta. É ali que ela descobre que a mãe pintava, que ela era um sujeito. Existe também um jogo do claro e do escuro, do silêncio e da palavra. A atriz fala com o corpo (Passos, 2020).

O filme de Marcela Lordy traz uma personagem feminina que confronta as imagens femininas que foram recorrentes no cinema durante décadas. A sétima arte veiculou estereótipos opressores do ser mulher, esta vista como objeto (Gubernikoff, 2009: 66). O cinema constitui-se como espaço de hegemonia masculina, sendo as representações femininas de suas autorias.

Segundo Giselle Gubernikoff, essas representações dizem respeito ao que os homens esperam que as mulheres sejam.

O que se conclui é que foram os homens os produtores das representações femininas existentes até hoje, e essas estão diretamente associadas às formas de a atual mulher ser, agir e se comportar. O que se discute é o fato de a mulher contemporânea buscar se enquadrar em uma imagem projetada de mulher que, na verdade, é aquela que eles gostariam que ela fosse, a partir de representações femininas cunhadas pelos meios de comunicação e, principalmente, pelo cinema. São atitudes e comportamentos balizados por imagens amplamente divulgadas no cinema e que serviram e servem de modelo a todas as mulheres (Gubernikoff, 2009: 67-68).

Apesar das problemáticas dessa situação, cabe mencionar que alguns filmes de autoria masculina trazem representações femininas que vão contra alguns estereótipos

consolidados, sobretudo pelo sistema *star system*. Entre outros, menciono os trabalhos dos cineastas ingleses, Ridley Scott, diretor do clássico *Telma & Louise* (1991), e de Mike Newell, responsável pela direção do filme *O Sorriso de Mona Lisa* (2003).

A teoria feminista do cinema⁶ discute como os estereótipos que foram sendo imposto às mulheres, através da mídia, correspondem a uma forma de opressão, por transformar as mulheres em objeto, sobretudo para uma audiência masculina, e as anulam como sujeito recalcando seus papéis sociais (Gubernikoff, 2009: 68).

No filme *O Livro dos Prazeres*, Lóri assume as rédeas da sua própria existência, mesmo diante da figura masculina de Ulisses, é uma mulher que vive as dinâmicas da sociedade moderna do século XXI. Contudo, ainda se depara com situações do patriarcalismo, o seu irmão remente a essa questão.

A indústria cinematográfica norte-americana difundiu muitos estereótipos da imagem da mulher, principalmente o cinema clássico. Os discursos narrativos desses filmes apresentam um recalcamento pelo sexo, favorecendo uma economia capitalista patriarcal. Justifica, de certo modo, a repressão social da mulher, há uma projeção da mulher ideal, atendendo aos interesses da acumulação de capital (Gubernikoff, 2009: 68)

As mulheres durante muito tempo apareceram nas tramas sempre associadas a uma função narrativa ligada a um personagem masculino (Gubernikoff, 2009: 73). O teste Bechdel (Bechdel Test) analisa se os filmes têm personagens mulheres fortes e protagonistas. As questões que orientam as análises dos filmes são: O filme tem duas ou mais personagens mulheres com nome? Elas conversam entre si? O assunto da conversa é algo que não seja homem ou assuntos relacionados a romance? Essas questões foram apresentadas pela cartunista Alison Bechdel, em 1985, em uma tirinha que ironizava os filmes de Hollywood, que trazem imagens estereotipadas das mulheres. A sueca Ellen

⁶ Entre as autoras que contribuíram e contribuem para as discussões da teoria feminista no cinema, menciono Mary Ann Doane, Teresa de Laurentis, Catherine Davis, bell hooks, Claire Johnston, Ruby B. Rich, Anneke Smelik, Laura Mulvey e Elizabeth Ann Kaplan.

Tejle, diretora de uma sala de cinema em seu país, no ano de 2013, passou a identificar os filmes em cartaz em sua sala de cinema que eram aprovados no teste. Os pôsteres dos filmes aprovados são marcados por um adesivo. Com isso foi criado oficialmente o selo e outros países também passaram a realizar o teste. O Brasil foi o primeiro da América Latina a realizá-lo.

A narrativa do cinema clássico “criou uma identificação da mulher através de uma sedução em direção à sua feminilidade”. Essa feminilidade tem como marca a atração sexual. Um modelo de feminilidade que influenciou a constituição identitária de muitas mulheres, conforme afirma Gisele Gubernikoff (2009: 73):

Feminilidade tornou-se, assim, sinônimo de atração sexual e, portanto, disponibilidade para os homens. A mulher interiorizou os conceitos divulgados pelo cinema clássico como se fossem a sua própria identidade. Nesse processo, foi objetivada como consumidora. De um lado, de uma ideologia – a capitalista, e, de outro, de um produto – sua própria feminilidade. Enfim, ela só é mais um dos elementos na estrutura da sedução.

Tendo em vista o impacto do cinema clássico no imaginário do grande público, é possível afirmar que esses estereótipos por muitos anos estiveram difundidos em diferentes contextos sociais. Não seria surpreendente a afirmativa que eles ainda se mantêm permanentes e influenciam as formas das mulheres viverem suas vidas e se comportarem em diferentes situações da vida cotidiana. Contudo, não cabe deslegitimar os avanços no que diz respeito à superação de muitos desses estereótipos.

O filme de Marcela Lordy pode ser lido a partir dessa perspectiva de confrontação desses antigos estereótipos destinados às mulheres pelas razões mencionadas até o momento e pelas que serão apresentadas a seguir pela própria cineasta na entrevista que me concedeu.

A fala de Marcela Lordy sobre seu filme

1) Marcela comente um pouco a respeito do processo de adaptação do livro de Clarice Lispector para um roteiro cinematográfico.

Foi um processo longo que se iniciou com a transcrição do livro num rolo de 4 metros de comprimento. Aqueles antigos cor de rosa de embrulhar presentes. Fui anotando com uma colega escritora e amante da literatura todas as principais ações, capítulo por capítulo, até entender a estrutura e a divisão de atos. Além da breve descrição das ações, desenhava as imagens que chamavam atenção e anotava uma ou outra frase de impacto que não poderia faltar. Depois fizemos o primeiro tratamento, mas não tínhamos experiência com roteiros de longa-metragem de ficção e ficou uma espécie de livro transcrito, ao invés de uma adaptação. Então convidamos uma roteirista profissional, que trabalhou comigo mais dois tratamentos e não teve fôlego para seguir, pois eu ainda tateava o que queria. Foi um processo muito intuitivo, de tentativa erro. Enquanto não assumi que a minha história fazia parte da história que queria contar o roteiro não fluiu. Isso só aconteceu a partir do quarto tratamento, quando encontramos a roteirista certa e tivemos a sorte de entrar no BrLab, um laboratório internacional de desenvolvimento de roteiros. A Josefina Trotta, além especializada em adaptação literária tem uma capacidade infinita de invenção. Com ela pude traçar diversos caminhos, recuar, voltar, enfim, criar com uma liberdade tão pura que até hoje somos parceiras.

2) Confesso que quando assisti ao filme na Mostra Internacional de Cinema em 2020, achei o personagem Ulisses prepotente e arrogante. Eu fiquei pensando que a Lóri poderia ter ficado sem ele. Depois lendo mais a respeito do filme e ouvindo outras opiniões acabei percebendo que não é ele quem a "transforma", mas sim que ela vivenciou um processo de autoconhecimento profundo a ponto de poder viver uma possível relação com ele. Não sei se a minha leitura está alinhada com a sua proposta e da Josefina na criação/adaptação da personagem Lóri?

Exatamente, um dos méritos da nossa livre adaptação foi trazer as rédeas que conduzem a aprendizagem da personagem Lóri para suas mãos. Lóri sente uma “dor” profunda que vem da ansiedade e vontade de se identificar como mulher independente numa sociedade patriarcal. Através dela, a escritora Clarice Lispector constrói pela primeira e única vez uma mulher-protagonista que realiza seu destino obtendo a autoafirmação e a autorrealização. No entanto, no livro, isso acontece através da condução do Ulisses, que estimula e acompanha os passos dela como um terapeuta, já no filme, ele é apenas mais um dos catalisadores de um processo revolucionário interno, que começa dentro dela e é conduzido por ela. No filme, Lóri se reconecta com três instâncias de afeto: a do amor fraternal da família, o amor incondicional dos alunos e o amor erótico de Ulisses.

O Ulisses do livro é infinitamente mais prepotente e arrogante do que o do filme. Inclusive na época em que o livro foi publicado ele foi um personagem bastante polêmico. Nem Fernando Sabino, fã e amigo pessoal de Clarice, entendeu ele muito bem. Em carta endereçada à escritora em 29 de janeiro de 1969, o cronista se expressa emocionado:

Clarice,

São 3 e 5 da manhã e acabo de ler seu livro há cinco minutos.

Li-o desde meia-noite e vinte, de uma só vez, sem interromper um segundo, e te escrevo ainda sob a parte mais grossa da emoção da leitura. Não anotei nada, não tenho nada a sugerir. Estou atordoado. Eu não mereço mais ser seu leitor. Você foi longe demais para mim. Ela ainda entendo, ela é você, e eu entendo você. Mas ele! Quem é esse homem? [...] estou confuso: deve ser um grande livro, pode ser até o seu melhor livro, mas está do lado de lá, como as coisas pensadas depois da morte, e estou cada vez mais do lado de cá, agarrado às coisas concretas que se movimentam ao redor de mim (Sabino; Lispector, 2001: 201-204).

3) Vi uma entrevista sua na qual você menciona que o seu filme *O Livro dos Prazeres* é ousado. Essa ousadia que você atribui está relacionada ao fato de a personagem lidar com a sexualidade dela de uma forma livre?

Acredito que não, não sei a qual entrevista você se refere, no entanto, apesar da sexualidade feminina mais livre ser algo que vem sendo conquistado a duras penas, e que precisa ser reiterado constantemente, nos dias de hoje é algo mais comum em relação a mulheres independentes e com a autoestima em dia. Inclusive em diversas classes sociais. Creio que me referia a linguagem cinematográfica barroca, que tem desde maquetes filmadas em estúdio, letreiros sobre a imagem, até cenas contemplativas misturadas com ação. A própria atualização do texto original, feita de forma completamente livre, é ousada ao subverter as expectativas em relação ao homem, rompendo com a ideia original de que Lóri se engaja na aprendizagem da vida conforme a orientação de Ulisses.

Para mim, ousadia hoje em dia é construir personagens femininas autônomas, que gozam na cara do expectador toda a sua potência criativa de forma plena. Chega de ver as personagens femininas sofrendo e se dando mal em narrativas datadas, quando não sádicas, construídas pelo imaginário patriarcal.

A pensadora do audiovisual Ilana Feldman escreveu ao ver um dos últimos cortes: “Seu filme, uma espécie de fábula audiovisual sobre a solidão da posição feminina, nos instiga a cultivar um certo feminino que, nesse mundo bruto, a gente recalca, esquece até. Para isso, ele tem a imensa coragem de afirmar o amor como um lugar que ainda é - e que mais do que nunca pode ser - uma das poucas experiências dessa vida realmente compartilhadas. Mesmo que, para Lóri, amar signifique comparecer ao próprio desencontro”.

Segue um trecho do posfácio que escrevi para a edição comemorativa do centenário da Clarice que a editora Rocco lançou no ano passado. Ele também reflete um pouco sobre tudo isso:

Se o prazer sempre foi um tabu para a mulher, escrever ou falar sobre isso ainda hoje é problemático. Como as mulheres foram acostumadas a ler sobre o próprio corpo sob uma ótica masculina, o erotismo feminino parecia sublimado, incapaz de se expandir em direção a um crescimento individual. Por isso, esta obra escrita em 1969, em seguida da revolução cultural de Maio de 1968 e num momento crítico da política brasileira, foi extremamente ousada ao propor uma revolução feminista para o lado de

dentro da mulher. Um ano após o AI-5, o quinto de dezessete grandes decretos emitidos pela ditadura militar.

“Lóri busca aventureiramente sua identidade real, aprende a se libertar dos outros, a se despir da máscara social e a viver corpo-a-corpo com a banalidade da vida” (LIN, 2015). Vindo de Clarice, tudo isso acontece de forma extraordinária, claro. A autora que revela em sua obra intimista um olhar extraordinário a partir do ordinário propõe aqui uma viagem ao consciente através de um processo de individuação que só se completa na transcendência através do outro, mas de um outro humano, real e não divino.

A trajetória de Lóri é a de toda mulher em busca de autonomia. Não só da mulher, mas de toda pessoa que tem coragem de olhar para dentro e enfrentar o que nem sabe que existe. Vivemos com Lóri o encontro com suas sombras e o mergulho profundo em sua crise existencial. Da escuta silenciosa à descoberta de sua própria voz, Lóri aprende a se colocar atravessando uma jornada de autoconhecimento que culmina na expressão do seu canto de sereia. Ao mesmo tempo selvagem e suave.

Lóri é uma *femme fatale*. Adora se maquiar, se vestir de forma sexy para seduzir, atrai os homens, mas mata qualquer possibilidade de amor dentro de si. No entanto, a ascense dessa alma nesse corpo que não se permite sentir se dá através do afeto e culmina numa grande explosão carnal. De pura epifania. Nesse livro otimista Clarice abre uma exceção em sua obra e torna o amor possível. Estamos diante de um final feliz, ou melhor, de sua primeira história com começo meio e “gran finale” seguido de silêncio e de chuva caindo.

É no espelho-Ulisses que Lóri se reconhece. Como um psicólogo, ele a conduz pacientemente ao longo de sua jornada de crescimento. Mas, apesar do tom professoral e da petulância, ele faz isso sem se colocar no papel de dominador, ainda que Lóri o veja inicialmente como um Deus grego. É preciso que ela se descubra plena para enfim reconhecer o prazer de estar com o outro. E enquanto ele tenta compreender suas verdadeiras pulsões, aconselhando e apontando o isolamento de Lóri, esta aprende a dar seus passos sozinha e descobre o direito de ir e vir. De igual para igual.

Como uma onça enjaulada, Lóri dá voltas, encara o silêncio, percorre seu mundo interior para finalmente mergulhar na sua verdade. Na imensidão do seu oceano, ela perde o medo de sua profundidade e passa a ser o que se é. Depois, emerge plena. Flutua. Fora do mar do inconsciente ela passa a ter coragem de assumir e viver conexões afetivas reais. Com sua família, alunos, Ulisses, com o mundo e consigo mesma.

- 4) Não sei se você considera também ousada a forma como vocês optaram por desenvolver a narrativa do filme valorizando muito os silêncios e a contemplação?

Sim, tudo isso faz parte do diálogo aberto com a linguagem sensorial da Clarice. Como transpor algo que foi escrito em forma de literatura atravessando todos os sentidos, para

o cinema que tem como ferramenta apenas dois? Escrevendo para os olhos e para os ouvidos com o intuito de atingir o coração. Esta é a nossa arma para fazer circular o sangue do espectador. Silêncio é música, já revelou o compositor e maestro John Cage na obra 4'33', em 1952. A Lóri é uma personagem tímida, observadora, introspectiva. Então no *O Livro dos Prazeres* o silêncio é pura narração, ele faz parte da construção do abismo interno e vertiginoso dela.

5) Em sua trajetória trabalhando com o audiovisual, vivenciou empecilhos pelo fato de ser mulher?

O estado amortecido em que encontramos Lóri - uma mulher fechada, que decidiu não se inquietar, não sentir dor e evita entrar em contato com sua própria intensidade - e a forma como ela se reconecta a sua natureza humana é de grande força espiritual e lirismo. Trazer a público a necessidade de aceitar a nossa solidão, entender e respeitar a do outro para viver em comunhão, foi a grande motivação para encarar essa difícil tarefa de adaptação.

Recém separada de um casamento de dez anos, percebi o quanto as relações afetivas se tornaram voláteis. Morando sozinha, num apartamento pequeno, uma verdadeira onça tentando entender quem sou eu sem ficar completamente perdida, nasceu a coragem de fazer o filme. Passei por muitas provações, como autora, diretora e de certa forma personagem desta história. Mas a trajetória de Lóri me abriu para o afeto e me ensinou a ficar bem, antes de colocar o colete salva vidas em quem está ao meu lado.

Por outro lado, levar este livro de rara densidade sensorial para o cinema foi a concretização de um sonho conquistado ao longo do tempo. A vida voou enquanto realizava os meus desejos que, assim como os de Lóri, passavam longe do projeto casamento e filhos. Existia antes uma vontade imensa de encontrar a minha voz, de me expressar artisticamente, uma pulsão incontrolável para entender como eu era por dentro. Uma investigação sem fim, que começou ainda adolescente, na fotografia, quando um

olhar humanista me foi revelado numa viagem ao Peru. Prosseguiu na escrita em forma de poesia e, já na idade adulta, no prazer de contar histórias através de imagens e sons.

Depois de anos pude perceber que o cinema, apesar de ter sido inventado e realizado de forma ostensiva pelas elites culturais e econômicas, é uma arte que atravessa diversas classes sociais. Pode haver um abismo entre a pessoa que compra o pão do café da manhã e a que fala “ação”, no entanto, todos têm a mesmíssima importância na complexa engrenagem coletiva que é fazer um filme. Isso sempre me trouxe alívio e a certeza de estar no lugar certo, onde também, sob a pressão do *set*, conhecemos a verdade de cada um. Imagino eu, algo próximo da experiência da Lóri como professora numa escola pública.

Seguiram-se anos trabalhando como assistente de direção num universo extremamente machista até conseguir um espaço na criação. O que demorou o dobro do tempo dos meus colegas homens. No país do nepotismo declarado, com ou sem talento, os “filhos dos donos” passam na frente de muita gente, sobretudo das mulheres. Apesar disso, falar do extraordinário de dentro do ordinário sempre teve um apelo grande para mim que gosto de poesia e tenho afinidade com autores cuja obra gira em torno da pesquisa estética, especialmente a pesquisa em torno da linguagem.

Claro que uma ou outra piada infeliz, num *set* 50 homens e só eu de mulher, vira e mexe aparecia e eu tinha que encaminhar, quando não eles mesmo pediam desculpas ao perceber a minha cara de tédio absoluto. Enfim, apesar de ser uma mulher bastante feminina, tenho uma energia masculina na mesma medida. E homem gosta de homem, né? Impressionante. Sou Ogun com Iansã e o meu Ogun vem na frente. Então sempre fui muito respeitada e não vivenciei empecilhos diretos pelo fato de ser mulher. No entanto, entendo isso como uma exceção e escuto narrativas de colegas que viveram e vivem preconceitos até hoje.

6) Considero seu filme um catalisador para que nós mulheres façamos esse exercício de compreensão de nós mesmas, inspiradas no percurso de Lóri. Você concorda com isso?

Este é um elogio que me enche de força e alegria.

7) Quais são as suas referências no cinema que influenciaram em sua formação como cineasta?

Eu gosto muito do sueco Ingmar Bergman, que joga pesado com a alma humana, do austríaco Michael Haneke que sempre revela umas maldades, do sarcasmo do dinamarquês Lars Von Trier, e da plasticidade poética dos russos Andrei Tarkovsky e Alexandr Sokurov, transcendem a beleza cinematográfica no seu grau máximo. Eles me emocionam profundamente. Assim como todo o cinema avant-garde francês. John Cassavetes, Jim Jarmusch, Lucrécia Martel também são autores que amo profundamente e bebo diretamente na fonte. Todos fazem parte da minha formação. Gosto quando o cinema narrativo divaga e escorrega para o sensorial. Também me identifico demais com o tipo de humor da diretora, roteirista, cantora, atriz, autora e artista americana Miranda July, ela fala direto comigo. Ela pega o lado ridículo e sórdido do ser humano de forma lúdica e irreverente. E é aí que o meu cinema habita. No lirismo rasgado com certa ironia e experimentação de linguagem. Em protagonistas femininas com certa falta de pudor de quem não sabe muito bem lidar com limites sociais e acaba sempre se expondo. Tem algo da Clarice aí, né? Sinto um pouco disso também no cinema da Agnès Vardá, do François Truffaut e de forma mais lúdica e cada vez mais potente, no Almodóvar. Enfim, gosto do cinema mais pesado de cortar os pulsos, mas procuro dialogar com a dor e a solidão com poesia e humor, procurando sempre expor a necessidade de comunicação com o outro como algo inerente da vida. Exatamente aquilo que nos torna humanos.

8) Você considera que atualmente o meio do audiovisual está mais "receptivo" às profissionais mulheres?

Sim, num movimento universal crescente.

9) Diante do contexto de crise que o audiovisual nacional vive, você se deparou com muitas dificuldades para viabilizar seu filme?

Para *O Livro dos Prazeres*, não. Quando o monstro entrou no poder já tínhamos captado 100% do orçamento. Mas para o meu próximo longa, sim. Muitas vezes me pergunto que estou fazendo neste país.

Considerações finais

Conforme o afirmado pela cineasta Marcela Lordy, a adaptação do texto literário de Clarice Lispector para um roteiro cinematográfico foi um processo longo e intuitivo. O filme em seu conjunto representa uma leitura sensível da obra da escritora. No filme, Lóri assume a direção de sua autoaprendizagem. Ulisses é apenas um dos gatilhos que a levam a tal experiência. Grosso modo, ele tem uma centralidade menor do que na narrativa clariceana.

A linguagem do filme, como a própria cineasta define, tem um aspecto barroco, é uma característica do desejo por experimentação que ela atribui à sua cinematografia. Proposta marcada por uma ousadia. Esta também se manifesta na construção de personagens femininas autônomas, que vão de encontro ao imaginário patriarcal.

O longa-metragem *O Livro dos Prazeres* apresenta a sexualidade feminina de uma forma corajosa, ao trazer uma personagem que lida com ela de uma forma livre. Contudo, ela ainda corresponde a um tabu em nossa sociedade. Muitas mulheres lidam com seus desejos sexuais de forma limitada pelos valores morais que sobreviveram ao passar dos anos.

Marcela Lordy considera que o livro de Clarice Lispector propôs “uma revolução feminista para o lado de dentro da mulher”, ou seja, a nossa revolução inicia-se com o

aprofundamento do nosso entendimento sobre nós mesmas, com a nossa autoaceitação, com a aprendizagem de deixar fluir os mais diversos sentimentos que nos fazem pulsar.

Assim, concordo com a cineasta que a nossa identificação com a personagem Lóri dá-se pela sua busca por autonomia. Uma autonomia diante de nós mesma e perante o outro. Sendo que a autonomia conquistada por ela a leva a viver o amor com o Ulisses. Como bem destaca Marcela Lordy, o amor nessa obra de Clarice Lispector é uma possibilidade da nossa existência. Para viver essa possibilidade, Lóri precisou descobrir-se em toda sua plenitude, assim pôde estar com Ulisses. Ela aprendeu a conviver com os outros e consigo mesma.

Nas palavras de Marcela Lordy em seu filme “o silêncio é narração”, este um aspecto elementar no texto de Clarice Lispector. A cineasta através das imagens, e nas ausências das palavras faladas traduziu esse silêncio, o qual é necessário para que a personagem aprenda a sentir, aprenda a ser.

A decisão em filmar essa história, de acordo com o mencionado, está relacionada com um momento da vida da cineasta, o término de um relacionamento de dez anos, o percurso de Lóri também influenciou o seu. Lordy foi em busca de sua voz, da sua expressão artística.

Como ela, acredito que o contato com a experiência do Lóri nos encoraja a imersão em nós mesmas, muitas vezes adiada pelo fato das dores, angústias, solidão e medos acompanharem esse processo. Mesmo assim, ela é necessária pois essa peregrinação interna é imprescindível para encarar as durezas que confrontamos no mundo.

Entre os fatos que levaram Marcela Lordy a seguir carreira no audiovisual, está a sua convicção da capacidade do cinema de atravessar diferentes classes sociais. Como mulher nesse ramo profissional, não foi desrespeitada e nem vivenciou empecilhos influenciados pelo seu gênero, mas não desconsidera que a sua experiência foi uma exceção.

Apesar de as mulheres estarem sendo reconhecidas no cenário audiovisual, depois de tantos silenciamentos, é possível afirmar que muitas profissionais ainda se deparam com problemas que refletem a estrutura majoritariamente masculina que caracteriza o âmbito audiovisual. Contudo, vivemos uma época que os debates e os espaços para a atuação feminina nesse meio estão ampliando-se. A cineasta Tata Amaral idealizou a série *As Protagonistas*⁷, que resgata a atuação feminina em diferentes momentos da história do audiovisual brasileiro.

Mark Cousins realizou uma grande pesquisa sobre obras cinematográficas dirigidas por mulheres em vários países, o trabalho resultou no documentário *Women Make Film* (2018).⁸ O diretor discute diferentes elementos da linguagem cinematográfica usando como referência as produções de cineastas mulheres de diferentes épocas e nacionalidades. Entretanto, pouca atenção foi dada por ele a produção das cineastas brasileiras.

Na contemporaneidade, as mulheres que atuam no audiovisual estão se organizando e reivindicando mais espaços de trabalho. Muitos coletivos estão atuando, mostras, e outros eventos vêm sendo realizados nos últimos anos, além de um interesse crescente de pesquisas que visam analisar a produção cinematográfica de mulheres cineastas.

Marcela Lordy faz parte da geração contemporânea de cineastas brasileiras que está contribuindo para que o nosso cinema assuma cada vez mais aspectos diversos através

⁷ A série foi pelo canal CineBrasil TV e tem treze episódios. Ela conta a história de 70 cineastas brasileiras, grosso modo, a história do nosso cinema é contada a partir do trabalho dessas mulheres. O início é o ano de 1931 com o filme *O Mistério do Dominó Negro*, de Cléo Verberena, a partir daí, há um percurso pela história do cinema nacional até os dias atuais. Uma pesquisa de imagens foi realizada para a série, assim como entrevistas com mulheres de diferentes gerações que atuaram e atuam no audiovisual do Brasil. Com *As Protagonistas* Tata Amaral evidencia o protagonismo das cineastas em diferentes momentos do cinema brasileiro.

⁸ O documentário foi montado em episódios e com capítulos que dizem respeito à linguagem audiovisual, sendo alguns deles: Aberturas; Tom; Credibilidade; Introdução de personagens; Meet Cute; Conversas; Enquadramento; Tracking; Encenação; Jornada; Descoberta; Adulto Criança; Economia; Montagem; Ponto de Vista; Close; Surrealismo e Sonhos; Corpos; Sexo; Lar; Religião; Work; Política; Mudança de Marcha; Comédia.

de suas propostas temáticas e estéticas. Para ela, seu cinema tem como característica o lirismo, a ironia e a experimentação de linguagem. Com protagonistas femininas que rompem com as amarras sociais. Eu diria também que seu cinema é marcado por uma complexidade, ao voltar-se para o existencialismo clariceano. Seu primeiro longa-metragem nos faz esperar pela sua próxima produção de forma ansiosa, que o cenário audiovisual nacional dê condições para Marcela Lordy e demais cineastas continuem realizando seus filmes contribuindo com uma cinematografia nacional mais plural e aberta às experimentações.

Bibliografia

- BARBOSA, ALLAN MICHELL (2014). *A poética do silêncio e a aprendizagem do ser em Uma Aprendizagem ou o Livro do Prazeres, de Clarice Lispector*. Dissertação, IL-UNB, Brasília, Brasil.
- GUBERNIKOFF, GISELLE (2009). A imagem: representação da mulher no cinema. *Conexão – Comunicação e Cultura*, v.8, n.15, p. 65-77, jan./jun.
- LIN, MA (2015). *A formação da mulher em Uma Aprendizagem ou o livro dos prazeres, de Clarice Lispector*. Dissertação– IEL, Unicamp, Campinas, Brasil.
- LORDY, MARCELA (2021). Por Cleonice Elias da Silva. 05/.
- OLIVEIRA, JOANA (2020). “O livro dos prazeres” leva o existencialismo de Clarice Lispector de volta ao cinema. *El País*, 29 de outubro de. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-10-29/o-livro-dos-prazeres-leva-o-existencialismo-de-clarice-lispector-de-volta-ao-cinema.html#:~:text=A%20atriz%20Simone%20Spoladore%20como,'O%20livro%20dos%20prazeres'.&text=E%20%C3%A9%20essa%20crise%20existencialista,de%20Cinema%20de%20S%C3%A3o%20Paulo.> Acesso em: 12/11/ 2025.

PASSOS, PAULA (2020). “O Livro do Prazeres” ou a busca por ser uma mulher em si. *Revista Continente*, 23 de outubro de. Disponível em: <
<https://revistacontinente.com.br/secoes/resenha/-o-livro-dos-prazeres--ou-a-busca-por-ser-uma-mulher-em-si>> Acesso em: 12/11/ 2025.

SABINO, FERNANDO (2001). Lispector, Clarice. *Cartas perto do coração*: dois jovens escritores unidos até o mistério da criação. Rio de Janeiro: Record.

Filme:

O Livro dos Prazeres (Marcela Lordy, 2020).